

Quem conta um conto aumenta um ponto: das histórias do passado às histórias do presente

Rosilene Almeida da Silva
.....

1. Justificativa

A prática de leitura e escrita precisa ser dinâmica para se tornar convidativa, principalmente quando o público-alvo são os alunos de Ensino Médio que vivem contagiados e debruçados no mundo das tecnologias e cujas leituras, na maioria das vezes, se restringem aos registros contidos nas redes sociais e em *sites* de relacionamentos, entre outros.

Diante dessa assertiva, surgiu-me uma inquietação e, portanto, uma necessidade de desenvolver um trabalho educativo nas aulas de língua portuguesa que possa desmitificar essa escrita e leitura fragmentadas oferecidas pelas redes sociais e, acima de tudo, que possibilite ao aluno o acesso concreto e significativo ao mundo da leitura e da escrita oferecido nos livros, nas revistas, na própria internet e na oralidade presente na cultura local.

Com base nas informações acima suscitadas, esse projeto chamado “Quem conta um conto aumenta um ponto: das histórias passadas às histórias do presente” surgiu e tomou forma, tendo como público-alvo os alunos da 1ª série do curso profissionalizante técnico em zootecnia integrado ao Ensino Médio, do Colégio Estadual José Amâncio Filho (Cejaf), em Curaçá, Bahia. Ele terá duração mínima de três meses, com possibilidade de se estender, já que são apenas duas aulas semanais.

O tema do projeto pretende direcionar um trabalho pedagógico à leitura e à escrita de contos maravilhosos que ultrapasse os “muros da escola”, mas também agregar esse mundo tecnológico que a cerca, permitindo ao aluno pesquisar na internet e desvendar diversos contos maravilhosos famosos, seus autores, o significado de palavras. Além disso, esse processo de letramento possui cunho cultural, visto que na cidade de Curaçá há grande valorização dos “causos” populares, dos contos, dos cordéis, das poesias, das músicas que retratam histórias fantásticas e elementos culturais riquíssimos. Esse gênero textual foi escolhido por ser inerente à nossa realidade cultural, visto que “os contos maravilhosos eram, originalmente, contos populares, transmitidos oralmente de uma geração à outra” (Cereja e Magalhães, 2002, p. 256).

O projeto surgiu da necessidade de estabelecer intervenções positivas nas produções textuais dos alunos, após diagnosticar o modo de escrever dos alunos. Esse diagnóstico partiu de uma produção de texto, cujo título foi “Quem lê, viaja”, realizado no primeiro dia de aula. O conto maravilhoso, por sua vez, apareceu aqui como uma possibilidade de convidar os alunos a “viajar” através do hábito da leitura, já que ela oferece a eles histórias que apresentam o elemento mágico, sobrenatural, integrado naturalmente às situações apresentadas, além de estar proposto no currículo escolar para a 1ª série de Ensino Médio.

Pode-se ressaltar também que o Conto maravilhoso foi escolhido porque carrega nas suas entrelinhas algumas características relevantes capazes de incentivar os alunos a lê-lo e produzi-lo. São elas: a ficção (apresenta um universo de seres imagináveis que às vezes se aproximam dos seres reais e culturais), a criatividade (descreve ambientes, vestimentas, acontecimentos...), a fantasia (leva o leitor a uma “viagem” através das palavras, que criam situações fantásticas e de deslumbramento). Vale lembrar que o gênero em foco é narrativa de pequena extensão e concisa, o que favorece o trabalho de leitura e escrita, pois os alunos ainda apresentam dificuldades para escrever e se expressar oralmente.

Portanto, pode-se afirmar que esse projeto terá como tendência a valorização da aprendizagem cognitiva através do estudo e análise da linguagem, que se dará pela aproximação dos alunos com o conto, bem como pela inserção de elementos socioculturais nas suas produções, fazendo uma fusão entre “real e ficção”. Nesse contexto, os alunos serão capazes de escrever textos melhores a partir da prática de leituras silenciosas e/ou compartilhadas de vários contos e de outros gêneros (que serão apresentados posteriormente, como os causos populares), que decerto contribuirão para aguçar a imaginação dos alunos, além de, como já foi mencionado, aproximá-los da cultura local. Ao final disso tudo, os textos lidos e produzidos serão levados ao conhecimento de outros leitores da unidade escolar e da comunidade local no dia da culminância do projeto, que será descrita mais adiante.

2. Fundamentação teórica

Escrever é algo que ultrapassa os limites do ato de transcrever palavras. Desse modo, a escola contemporânea precisa olhar para a prática de leitura e escrita como um momento que vai além de oferecer informações, ampliar o vocabulário, permitir que o aluno escreva com base nas regras gramaticais. Para ratificar essa assertiva, Alarcão (2003, p. 30) diz:

Criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e a autoconfiança nas capacidades individuais para aprender são competências que o professor de hoje tem de desenvolver.

Essa dinamização de situações de aprendizagem citada acima nos permite entender que o aluno precisa adentrar um mundo mágico, lúdico, criativo, através da leitura e da escrita que possibilitem entretenimento, mas também aprender, mediante essa prática, a estabelecer comunicação com o autor do texto lido ou com o leitor dos seus próprios textos. Essa vertente também é evidenciada nos registros contidos na coletânea de livros "Ofício do professor", que traz no volume 3 o tema "leitura escrita" e aborda essa prática da seguinte maneira:

Quando você lê ou escreve, está se comunicando com outras pessoas. Ao ler, você se comunica com quem escreveu o texto. Ao escrever, você se comunica com quem vai ler seu texto. Nos dois casos a *língua escrita* faz a comunicação acontecer. (Lajolo, 2002, p. 4)

Seguindo essa linha de pensamento, produzir textos não poderá ser uma proposta de trabalho pedagógico que enfatiza apenas questões gramaticais nem estética textual, mas sim uma nova forma de promover o contato do aluno com outros "mundos", ainda que fictícios, que revelem emoções e aprendizado. Nesse contato, ele se descobrirá como ser social capaz de compreender as "coisas" e as pessoas que estão ao seu redor, pois, como é sabido, mesmo sendo ficção, os contos muitas vezes nos levam a algumas reflexões sobre o nosso dia a dia. Um exemplo claro disso é o comportamento de Chapeuzinho Vermelho quando desobedece à mãe e por causa dessa atitude coloca sua vida e a da vovó em risco. Assim, o leitor/aluno poderá refletir sobre sua atuação como indivíduo na sociedade, principalmente no desenvolvimento das relações sociais atuais.

A partir dessa situação é viável promover uma consolidação entre o que se aprende teoricamente sobre a escrita (regras, informações) e o texto que se deseja produzir (adequação às diversas situações comunicativas), visto que serão apresentadas, ainda que implicitamente, outras aprendizagens e necessidades relativas à produção do gênero textual "Conto" (popular/maravilhoso):

- elementos constitutivos da narrativa: narrador, personagens, ponto de vista e enredo/clímax, linguagem, diálogo e foco narrativo;
- fatores pragmáticos da textualidade: situacionalidade (esse fator favorece o respeito às variedades linguísticas), intencionalidade (para que produzir esse texto: levar entretenimento a outros alunos e resgatar a cultura local) e intertextualidade (relação dos textos dos alunos com outros já existentes).

Em suma, podemos dizer que o conto encerra algumas etapas indispensáveis, contendo início, meio e fim. Tais etapas se concretizam por meio de algumas características para torná-lo atrativo e coerente. São elas: tensão, conflito, ritmo, imprevisto dentro dos parâmetros previstos, unidade, compactação e concisão. No conto o “presente” é tempo determinante dos acontecimentos, ficando o passado e o futuro com significado menor. Desse modo, por meio de uma frase retirada da internet, sem autoria, mas com grande potencial explicativo, pode-se resumir que o conto nada mais é que

... uma forma de narrativa, em prosa, obra de ficção de menor extensão no sentido estrito de tamanho em relação às novelas e romances, os quais são extensos e com muitas personagens. Ora, se todos são curtos, depreende-se que, para formar um todo harmonioso, os contos devem ser sucintos (ter densidade) e concisos (ser curtos), claros e objetivos (ter precisão - sem lero-lero) .

Diante do exposto, ler ou escrever qualquer tipo de texto deve ser uma atividade pedagógica prazerosa, estimulada dentro do universo escolar, que propicie ao aluno o entretenimento e uma análise do mundo a partir dos registros (literários ou não). Essa premissa nos leva a pensar sobre o papel do texto literário na escola e os mitos que têm sido criados em torno da dicotomia ler *versus* escrever bem.

Para muitas escolas, hoje,

... o aluno estuda a literatura para “passar no vestibular”, sem compreender o fenômeno literário à luz de uma perspectiva mais ampla que considere a natureza interdisciplinar da leitura literária, a função social da literatura como um meio de conhecer o universo transfigurado, reinventado no texto. (Martins, 2006, p. 94)

É mediante a leitura de textos literários que o aluno terá acesso ao conhecimento de histórias contadas e recontadas, nas quais se configuram os aspectos sociais (antepassados e vigentes) e a reflexão sobre eles diante de uma conjuntura contemporânea. Ao se apropriarem desse universo da escrita, os alunos serão capazes de criar seus próprios textos, numa invenção de criaturas fictícias, misturando-as em acontecimentos imaginários, mas também na propagação crítica da realidade.

A escola contemporânea só será transformadora se estiver consciente do seu papel, já que muitas vezes ela esquece que a educação, além de ser uma questão pedagógica, perpassa também por questões de cunho social (Almeida, 2002, p. 16); por isso o texto, na escola, precisa ser um elemento “vivo” de aprendizagem. Não importa o gênero a ser trabalhado e sim a metodologia aplicada na sala de aula para promover a leitura e a produção desses gêneros de maneira eficaz e significativa.

Eis que surge, então, o seguinte questionamento: “Que graça tem escrever um texto que não será lido por ninguém ou lido apenas pelo professor com a intenção de corrigi-lo e atribuir-lhe uma nota?”. Diante dessa indagação, podemos dizer que não há significado educativo nessa ação supostamente “pedagógica”, pois aqui não se constrói conhecimento, mas sim limita as capacidades cognitivas do aluno. Assim, as produções textuais dos alunos vão direto para o cesto do lixo, depois de concluída a única finalidade: uma nota para o bimestre. Pode-se dizer, enfim, que “a produção de textos na escola foge totalmente do sentido da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial” (Geraldi, 2002, p. 65).

Considerando as fundamentações apresentadas e levando em consideração a apropriação do gênero Conto maravilhoso (foco desse projeto de letramento), o leitor ou o autor, além de se deparar com uma voz narrativa, personagens, ponto de vista e trama, vai também ser capaz de transformar sua realidade a partir das reflexões implícitas ou explícitas nos textos. Por isso, esse gênero será utilizado como um mecanismo a mais para (re)conhecermos a nossa própria história (relembremos histórias do passado) e também reconstruí-las (expressão da realidade atual) diante de ações educativas que permitam ao aluno o entretenimento, a comunicação, a interação (leitor e comunidade), o registro de história e o aguçamento da criatividade por meio das ficções contidas neles.

Partindo da premissa acima suscitada, Leite (2002, p. 17) nos lembra que

... os professores de comunicação e expressão, inconformados com o bizantinismo dos programas oficiais, têm frequentemente tentado superar, na prática, a dicotomia língua/literatura. Buscam integrar o trabalho com a linguagem na sala de aula, através da leitura ou da produção de textos que levem o aluno a assumir crítica e criativamente sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor-intérprete.

Nesse contexto, o aluno poderá desempenhar um papel interativo, como agente no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que praticando o hábito de ler qualquer pessoa torna-se capaz de aprender o que se lê, bem como de invadir um universo de conhecimentos disponibilizados de forma dinâmica, muitas vezes apresentado diante da dicotomia real *versus* imaginário, resgatando histórias do passado e construindo histórias no presente. Contudo, os alunos serão diretamente

inseridos num processo de construção de saberes, tendo como foco a prática de leitura e escrita/reescrita de contos maravilhosos diversos (dos antigos aos atuais), de modo que os contos populares sejam resgatados, compartilhados e recontados com uma “pitada” de criatividade e imaginação, já que estão enraizados na cultura da nossa cidade ribeirinha e precisam ser disseminados.

Vale ressaltar, mais uma vez, que nesse projeto os contos serão vistos como instrumentos pedagógicos que estreitem o elo entre a comunidade escolar e a comunidade local, uma vez que valorizarão a cultura local (causos, cordéis, músicas...), sem perder de vista os elementos indissociáveis do conto maravilhoso: descrições das personagens e dos espaços, as construções de enredo, o nó narrativo que compõe o conflito, o trabalho com a linguagem. Esse processo de apropriação garantirá ao aluno compreender qual a função do gênero, através de seus elementos constitutivos, para, posteriormente, ser capaz de produzi-lo com eficácia.

3. Práticas de letramento em sala de aula

No decorrer do projeto serão desenvolvidas etapas que evidenciarão as práticas de letramento.

3.1. Discussão dos aspectos culturais e sociolinguísticos implicados no projeto

Qualquer projeto, além de ter cunho cognitivo, precisa estabelecer uma relação com a comunidade local de modo que valorize os aspectos socioculturais vigentes. Nesse cenário, a língua portuguesa, apesar de possuir muitas finalidades, apresenta-se aqui também como elo importante para estabelecer essa ligação entre escola e comunidade.

Por essa perspectiva, a proposta desse projeto é que os alunos possam, mediante pesquisa e entrevistas, descobrir “figuras folclóricas” (pessoas) da nossa cidade para ouvir-lhes as histórias e resgatá-las, tornando-as vivas, não só na memória das pessoas, mas também nos registros escritos, como mostra a descrição da culminância desse projeto.

Por meio dessas histórias do passado os alunos poderão ser estimulados a contar as histórias do presente, inserindo nelas um pouco de ficção e criatividade. Nessa conjuntura, a comunidade adentrará os espaços da escola, assim como a escola invadirá positivamente os espaços da comunidade para levar entretenimento e resgatar a cultura literária local a partir das produções dos contos maravilhosos e do resultado da fusão de causos, cordéis, contos populares, entre outros.

3.2. Estratégias gerais para promover a motivação e a adesão dos alunos ao projeto

Envolver os alunos de Ensino Médio num projeto com ênfase na prática de leitura e de escrita não é nada fácil. Por isso a primeira estratégia foi escolher o gênero conto

maravilhoso, por se tratar de narrativa curta. Além desse estratagema primordial, a prática de leitura e (re)escrita de contos proposta por este projeto de letramento, serão utilizados apelos importantes:

- apresentação do projeto com base em um conto escrito por mim, cujo título é “Rosa e o mundo encantado da leitura”, que valoriza a necessidade de aprender a ler/escrever, motivando a participação dos alunos no projeto;
- valorização de “figuras folclóricas” (pessoas) da nossa comunidade para ouvir histórias dos nossos antepassados e da cultura local, numa mistura de realidade e ficção;
- utilização de recursos de multiletramento (equipamentos tecnológicos: principalmente o celular);
- visita ao museu.

Partindo dessa dinâmica, o aluno será estimulado a valorizar a cultura local por meio da escuta de histórias e conhecer como era a sua cidade e o que acontecia nela no passado, comparando e transformando essas revelações históricas e culturais em elementos para compor as histórias que produzirão no presente, com a inserção da ficção, característica indispensável à produção de um *conto maravilhoso*. Com essa proposição, os alunos serão convidados a “mergulhar” numa aventura, na qual ler, escrever, criar e recriar ações pedagógicas significativas que culminarão numa exposição de textos, em cada sala de aula, através da *biblioteca itinerante*, possibilitando a divulgação do projeto e a leitura dos contos por todos os alunos da unidade escolar.

A biblioteca itinerante será constituída de:

- estante de aço revestida de papel colorido e desenhos de personagens de diversos contos (colados nas laterais e nas prateleiras), além do tema do projeto na parte superior do móvel;
- contos, digitados e ilustrados, após versão final da escrita, que serão espalhados na estante;
- “caixinha de avaliação”, na qual o leitor depositará sua opinião sobre os textos lidos e eventuais sugestões, efetivando a interação autor e leitor.

Dinâmica de funcionamento da biblioteca: os alunos apresentarão o projeto para todos os colegas da unidade escolar e disponibilizarão os textos para apreciação deles. Essa etapa está descrita detalhadamente na sequência didática intitulada por culminância.

3.3. Definição do tratamento a ser dado aos gêneros envolvidos na prática

Por causa do paradigma adotado para a execução de leitura e produção textual direcionada, vale ressaltar a necessidade de desenvolver uma sequência didática que dinamizará o processo de ensino e aprendizagem e o tornará significativo e colaborativo.

A sequência didática será:

1ª semana (2 aulas)

Diagnóstico dos conhecimentos prévios: sondar, de forma individual, o que sabem os alunos sobre o gênero conto maravilhoso. Cada aluno receberá uma cópia do conto “A história do pescador e o gênio” (autoria desconhecida). Após ler o texto, os alunos deverão responder aos questionamentos abaixo relacionados, a fim de compreender a história na sua totalidade e se aproximar do gênero através da observação de suas etapas de construção:

1. O que compreendeu do texto?
2. Que partes do texto indicam o início, o meio e o fim?
3. Qual é a parte que considera mais importante no texto? Por quê?
4. Como eram as personagens: comportamento, características físicas?
5. Onde ocorre a história?
6. Qual é o ponto central da história (como se constituísse o nó da narrativa)?
7. O que achou da linguagem do texto?
8. Que nome é dado a esse tipo de texto?

Além de a essas perguntas, os alunos responderão aos questionamentos abaixo, para que eu possa observar se eles já tiveram contato com outros contos durante a vida estudantil no Ensino Fundamental ou no seio familiar, diagnosticando o que eles já sabem sobre o gênero em foco.

1. Você já leu algum texto desse tipo em outra ocasião?
2. Se sim:
 - O que achou do texto que leu?
 - Quem incentivou você a lê-lo?

Leitura compartilhada: a leitura oral será realizada em círculo (eu a farei, para que haja expressividade e os alunos já possam identificar as marcas da expressão oral), em seguida eles deverão compartilhar as respostas dadas aos questionamentos sugeridos. Nesta etapa, serão necessárias algumas intervenções à medida que os alunos forem socializando seus conhecimentos, a fim de levá-los a reconhecer o gênero.

Apresentação da proposta de trabalho: após análise dos conhecimentos prévios dos alunos, será feita uma explanação sucinta do projeto de leitura e escrita que ora se inicia, mostrando que o Conto maravilhoso será o gênero a ser explorado nessa jornada como um instrumento pedagógico no processo de ensino e aprendizagem e que perdurará pelos próximos três meses.

2ª semana (2 aulas)

Compreensão de conteúdo: os alunos sistematizarão em seus cadernos um resumo (fonte Wikipédia) contendo as características básicas de um conto maravilhoso e a partir daí teremos uma aula explicativa (com o auxílio do projetor multimídia) sobre tais características, além de outros elementos constitutivos do texto: tipos de discursos (direto, indireto e indireto livre), foco da narrativa e fatores pragmáticos da textualidade (principalmente a intertextualidade).

3ª semana (2 aulas)

Contação de causos: por ser a “oral” a primeira forma de narrar histórias, uma vez que o conto já existia no tempo em que ainda não havia escrita e era contado pelos povos primitivos, convidarei uma “figura folclórica” de Curaçá: José Reis, popularmente conhecido como “Zé Reis”, para que conte alguns causos do nosso lugar. Os alunos, além de ouvirem suas histórias, divertidas, empolgantes, fictícias ou verdadeiras, deverão atentar aos fatos, ao tempo, ao espaço, às personagens para utilizá-los numa posterior produção textual. Essas histórias serão gravadas (com a permissão do convidado, naturalmente!), a fim de proporcionar um registro veraz dos causos relatados.

4ª semana (2 aulas)

Produção coletiva do texto: após ouvir as histórias de Zé Reis (e fazer as perguntas que acharem convenientes ao convidado para conhecer melhor as histórias), os alunos farão a primeira produção textual. A ideia é que a turma, “carregada” de cultura e informações, possa criar um conto maravilhoso coletivo. À medida que os alunos forem criando o conto, haverá necessidade de fazer as intervenções cabíveis, bem como a digitação do conto no computador e que estará sendo simultaneamente projetado na lousa (*Datashow*). Após essa primeira escrita, o texto será compartilhado por meio de leitura para aperfeiçoá-lo e chegar à versão final.

Nessa etapa os alunos observarão e analisarão as diferenças entre as marcas da oralidade (produção oral de Zé Reis) e as da modalidade escrita (produção escrita da turma). Por isso, faz-se necessária análise das variedades linguísticas ora detectadas, apresentando-as como indispensáveis às diversas situações comunicativas, para que assim os alunos minimizem o preconceito linguístico.

Praticando o resgate cultural e a produção textual: a turma será dividida em duplas e deverão entrevistar outros contadores de causos da comunidade com o intuito de resgatar outras histórias (contos) que envolvem a nossa cidade/cultura, a fim de ressignificar as histórias do presente. Após ouvi-los, cada dupla irá registrar as informações necessárias à produção de um conto maravilhoso (digitado ou manuscrito), o qual será levado à sala de aula e compartilhado no círculo de leitura.

5ª semana (2 aulas)

Recontando histórias: as duplas deverão ler os contos produzidos com base nos causos dos contadores. Eles serão entregues por escrito para serem analisados e, posteriormente, reescritos, a fim de fazerem parte da biblioteca itinerante no dia da culminância do projeto.

6ª semana (2 aulas)

Ampliação de repertório: levarei para a sala de aula alguns exemplares de contos maravilhosos: “Simbad, o marujo”, “Ali Babá e os 40 ladrões”, “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, entre outros. Os alunos poderão também realizar pesquisas na internet para conhecer outros contos e compartilhá-los com os colegas. Essa etapa de ampliação de repertório será desenvolvida em grupos de quatro componentes, os quais deverão analisar os textos com base no que aprenderam na 2ª semana.

Como complemento dessa ampliação de repertório, será relevante solicitar que os alunos pesquisem outros textos do mesmo gênero (na biblioteca, em casa...). Essa etapa ocorrerá de forma espontânea e sem cobranças.

7ª semana (2 aulas)

Ampliação de repertório: para retomar o projeto, após o recesso, será realizada uma nova etapa de ampliação de repertório, utilizando como fonte o livro *Contos e encantos*, produzido pelo grupo Projovem Adolescente, em 2012, num projeto desenvolvido pela Secretaria de Assistência Social de Curaçá. Assim os alunos se familiarizarão com o gênero em foco, ampliando o repertório deles e fortalecer as aprendizagens sobre os elementos que compõem o conto maravilhoso. A leitura se dará em dupla, silenciosamente, e, posteriormente, socializada no círculo de leitura, no qual poderão ser feitas análises.

8ª semana (2 aulas)

Visita ao museu da cidade: nesta etapa os alunos irão visitar o museu para conhecer um pouco mais as histórias do nosso lugar. A proposta aqui é que os alunos tomem posse dos conhecimentos que serão apresentados e inseri-los nas suas produções: personagens e monumentos históricos, riquezas naturais, ambientes que abrigaram fatos relevantes da história da cidade, entre outros.

9ª semana (2 aulas)

Produção em dupla: munidos dos causos contados por Zé Reis, dos contos maravilhosos clássicos, dos contos maravilhosos do Projovem e dos conhecimentos adquiridos na visita ao museu, os alunos produzirão em dupla outros contos maravilhosos na sala de aula, a fim de aprimorar as escritas para as produções individuais. Nesse processo, as intervenções serão imediatas, nas quais os alunos vão escrevendo e mostrando ao professor para que sejam feitas eventuais alterações.

10ª semana (2 aulas)

Produção Individual: é chegado o momento da produção textual individual. Antes de iniciar o processo, será apresentado aos alunos o “Envelope de linguagem”, no qual estarão contidos diferentes gêneros textuais: cordel, canção, lendas e conto popular (estes textos serão apresentados nos Anexos), para que propiciem informações e inspirem ideias no momento em que os alunos estiverem produzindo seus contos maravilhosos. Essa é a hora também de apresentar aos alunos o porquê da escolha dos gêneros complementares incluídos no envelope: elementos e personagens da nossa cultura (a figura do vaqueiro, os marujos, lavadeiras, escravos etc.); o bioma caatinga (fauna: tatu, bode, cabra, cavalo, jegue; e flora: umbuzeiro, caraibeira, mandacaru, xique-xique); personagens das lendas do rio São Francisco (Nego d’água, Mãe d’água, a Serpente etc.); personagens de outras lendas (o papa-figo, lobisomem, saci, caipora etc.); as belezas naturais como cenário (rio, riacho ilha, gruta, serra); entre outros. Recolher todos os textos ao término da aula para serem avaliados e devolver na aula seguinte.

Além dos elementos culturais ora apresentados, no momento da *produção textual* os alunos deverão valorizar também as características marcantes do gênero Conto: descrição das personagens e dos espaços, construção do enredo (início/meio/fim), o nó na narrativa (clímax), a linguagem utilizada, narrativa curta, foco da narrativa e o diálogo (qual o tipo de discurso a ser utilizado), valorizando elementos pragmáticos da textualidade, principalmente a “intertextualidade” e a “intencionalidade”.

11ª semana (2 aulas)

Revisão e aprimoramento do texto: após a correção dos textos pelo professor, cada aluno receberá o seu com observações para serem consideradas durante a reescrita na própria sala de aula. Com base no texto corrigido, o aluno irá reescrevê-lo até chegar à versão final a ser publicada no livro e exposta na biblioteca itinerante.

12ª e 13ª semanas (4 aulas)

Organização da culminância: os alunos serão divididos em três grupos:

- **grupo 1:** encarregado das ilustrações de acordo com as produções dos contos maravilhosos para serem digitalizadas e inseridas nas versões finais;
- **grupo 2:** responsável pela confecção da estante móvel bem atrativa para exposição dos textos;
- **grupo 3:** incumbido da digitação dos textos (usar computadores da escola, dos professores, dos alunos que possuírem).

14ª semana (um dia inteiro)

Culminância do projeto – Publicidade: Finalizados (impressos e ilustrados), os textos serão plastificados para compor o acervo da biblioteca itinerante que circulará por todas as salas de aulas (nos três turnos) com a ajuda dos alunos do 1º ano/Zootecnia, em parceria com outros professores, a fim de divulgar o resultado do projeto para toda a unidade escolar. Essa etapa é denominada “Biblioteca itinerante”, a qual circulará em todas as turmas, e em cada sala de aula uma dupla diferente apresentará sinteticamente como ocorreu todo o processo de ensino e aprendizagem no decorrer do projeto para que os leitores compreendam a origem dos textos disponíveis na biblioteca. A duração mínima de apresentação e leitura por sala será de 50 minutos, e a biblioteca itinerante ficará disponível após esse dia na biblioteca da escola para que os alunos possam ter acesso aos outros textos que não foram lidos em virtude do tempo.

Vale ressaltar que, no final do ano, faremos “a noite de autógrafo” do livro, que reunirá todos os textos. Nesse dia, será feita a doação de um livro para cada escola da rede municipal e estadual da sede urbana da cidade, para a biblioteca municipal, para a Secretaria de Educação Municipal e para o Núcleo Regional de Educação do Estado da Bahia – NRE10. Desse modo, outras crianças, adolescentes e adultos terão acesso aos contos maravilhosos produzidos pelos alunos do Cejaf, os quais verão que seus textos terão uma finalidade educativa nas escolas municipais e estaduais de Curaçá.

3.4. Levantamento da multimodalidade a que a prática de letramento submete todos estes textos

Nessa proposta pedagógica, embora o conto seja o gênero principal em foco, outros gêneros textuais que tenham uma relação direta com esse gênero e por se tratar de histórias que envolvem ficção, imaginação, criatividade e revelação de culturas da comunidade local serão abordados. São eles:

- causos populares, através do contato com alunos e comunidade;
- lendas folclóricas: Nego d'água, lobisomem, papa-figo, serpente do rio São Francisco, entre outras;
- histórias contadas através de cordéis, poesia, canção (gêneros muito usados na cultura local).

3.5. Investigação sobre as possibilidades de integração do projeto com outras disciplinas

A interdisciplinaridade é essencial na elaboração de um projeto. Por isso, além do estudo da língua portuguesa, algumas disciplinas serão envolvidas nesse processo de ensino/aprendizagem com o gênero Conto:

- história: origem do nosso município; passagem de Lampião por ele; suas festas tradicionais;
- geografia: história do rio São Francisco, lendas folclóricas do nosso lugar;
- artes: desenhos e pintura de personagens dos contos produzidos pelos alunos;
- biologia: bioma Caatinga;
- informática: técnicas de digitação de texto no Word.

3.6. Eventos de letramento decorrentes do trabalho dentro e/ou fora do ambiente escolar

Durante o desenvolvimento do projeto de leitura e escrita, realizaremos alguns eventos de letramento, os quais ocorrerão dentro e/ou fora do ambiente escolar, para que aproximem ainda mais o aluno do gênero em foco:

- visitas a bibliotecas para leitura de contos;
- recontação de causos populares através da escrita;
- pesquisas de contos na internet;
- entrevistas com moradores da cidade para coleta de causos.

Com essas etapas, os alunos ampliarão seus repertórios sobre o gênero Conto, bem como estabelecerão um elo direto entre escola e comunidade, favorecendo a execução do processo de ensino/aprendizagem, que vai da cultura local à sala de aula.

3.7. Avaliação dos trabalhos

Consciente de que a avaliação deve ser gradativa e cumulativa, pretende-se aqui observar o aluno durante todo o processo de leitura e produção textual, levando em consideração os conhecimentos prévios sobre o gênero textual em foco, o domínio discursivo adquirido (ou ampliado) durante a sequência didática, as condições de interação e disponibilização de acervo e material para estudo.

Levando-se em conta que cada aluno tem seu ritmo, suas potencialidades e dificuldades, há que se valorizar a *autoavaliação* como forma de proporcionar ao aluno uma reflexão sobre si mesmo. Isso significa dizer que “nada pode dispensar o olhar do aprendiz sobre seu próprio processo de aprendizagem” (Antunes, 2006, p. 164). Assim, o processo avaliativo se dará por meio de duas vertentes: qualitativa (autoavaliação) e quantitativa.

3.7.1. Qualitativa (autoavaliação)

- participação Individual;
- pontualidade na entrega das tarefas da sequência didática;
- criatividade/ideias;
- interação nos grupos;
- diálogo com pessoas da comunidade.

3.7.2. Quantitativa (versão final da produção de textos – 10 pontos)

- escrita (coesão e coerência);
- ideias (criatividade a partir dos aspectos culturais e fictícios);
- análises textuais (compreensão das marcas textuais do gênero em foco).

4. Referências

- ALARCÃO, I. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALMEIDA, M. J. “Ensinar português?”, in: *O texto na sala de aula*. São Paulo; Ática, 2002.
- ANTUNES, I. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: *Português no ensino médio e formação do professor*. 3ª ed. São Paulo: Editora Afiliada ABRD, 2006.
- BAGNO, M. *Dramática da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *Pesquisa na escola: como é, como se faz?* 14ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino – Língua Portuguesa*. v. 1, Brasília: MEC, 1997.
- CAVALCANTI, M. C. B.; MELO, C. T. V. “Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática”, in: *Português no ensino médio e formação do professor*. 3ª ed. São Paulo: Editora Afiliada ABRD, 2006.

- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens, 5ª série*. 2ª ed. São Paulo: Atual, 2002.
- DESCONHECIDO. *O que é o conto?* Disponível em <<http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=221>>. Acesso em 5 de março de 2015.
- GERALDI, J. W. "Unidades básicas do ensino de português", in: *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.
- GRUPO PROJovem ADOLESCENTE. *Contos e encantos*. Secretaria de Assistência Social de Curaçá, 2012.
- LAJOLO, M.; DAVIS, C. L. F.; SILVEIRA, G. T.; MORAES, J. G. V. de; AQUINO, J. G.; SMOLE, K. C. S.; SOUZA, M. L. Z. de; OLIVEIRA, M. K. de; MARTINS, M. C.; HOSOUME, Y. *Ofício do professor: aprender mais para ensinar melhor – Leitura e escrita*. 1ª ed. São Paulo: Fundação Victor Civita, v. 3, 2002.
- LEITE, L. C. M. "Gramática e literatura: desencontros e esperanças", in: *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.
- MARTINS, I. "A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?", in: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.
- SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- VAL, M. G. C. *Redação e Textualidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Anexos

1. Incentivando a leitura e a escrita

Gênero textual: Conto

Rosa no reino encantado das letras

Rosilene Almeida da Silva

Era uma vez uma linda menina que se chamava Rosa. Ela morava numa cidadezinha cujo nome era Reino Encantado das Letras.

Rosa era uma menina muito obediente e sua mãe, Orquídea, vivia admirada da sua única filha, pois ela era muito estudiosa e ainda a ajudava em tudo dentro de casa.

Se sua mãe estivesse triste, Rosa logo aparecia, dizendo:

— Mãe Orquídea, lembre-se de que cada um de nós é responsável pela própria felicidade.

Dona Orquídea, ao ouvir essas palavras, logo percebia o quanto é lindo viver e ficava imaginando de onde vinha tamanha convicção.

Um dia dona Orquídea resolveu seguir Rosa, pois todas as tardes ela pedia à mãe que a deixasse ir até o lago azul. Como Rosa já tinha quinze anos, a mãe dela ficava preocupada com o que ela poderia estar fazendo.

— Será que está namorando alguém? – pensava ela.

Ao se aproximar da filha, dona Orquídea teve uma surpresa! Lá estava sua linda Rosa debruçada à beira do lago com um livro nas mãos. Chegou mais perto e viu que o livro se chamava *O pequeno príncipe*.

— Ufa! Que alívio! – pensou dona Orquídea.

Ela se aproximou da filha e perguntou:

— Rosa, o que está fazendo?

— Estou lendo um livro que a professora Margarida me emprestou. É a história de um pequeno príncipe que levava uma vida simples e tinha cuidados com sua rosa que ele cativara, formando o seu ser. Ele, como todos nós, tem um pouquinho do que vivemos, do que vemos, do que aprendemos e das pessoas com as quais convivemos. E a doce e vaidosa rosa, que cativa o coração do pequeno príncipe, também cativa o nosso, pois nos ensina que ninguém vive sem amor, sem cuidados e carinho. Isso é felicidade.

Dona Orquídea abraçou a filha com ternura e disse:

— Filha, ler nos permite viajar, como você tem feito neste livro. Através da leitura a gente passa a conhecer outros “planetas” e com ele as suas diversidades, personagens incríveis com suas formas diferentes e loucas de pensar. Estou muito feliz que você tenha aprendido isso.

— Mãe, quando crescer, eu quero ser uma professora de língua portuguesa. Assim como a professora Margarida, quero mostrar para os meus alunos que a leitura nos permite ter grandes revelações e aprendizagens. E como disse a raposa na história do pequeno príncipe: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

— Que lindo, filha! Espero que outros adolescentes comecem a pensar como você. Dessa forma o mundo será bem melhor e conquistaremos a felicidade plena.

A mãe abraçou novamente a filha com admiração e com a sensação de dever cumprido, pois sabia que a educação sustentada nos valores transmitida à sua filha tinha valido a pena.

2. Diagnosticando o repertório

Gênero textual: conto maravilhoso

O pescador e o gênio

(Autor desconhecido)

Havia um pescador muito pobre que tinha o costume de lançar sua rede somente quatro vezes no dia. Certa vez, quando jogou a rede no mar, sentiu que ela estava pesada; logo pensou que tinha capturado um monte de peixes, mas assim que puxou a rede o que viu foi a ossada de um burro morto. Na segunda vez, sentiu a rede um pouco mais pesada ainda, o que o levou a imaginar que ela estava cheia de peixes, mas para sua decepção eram apenas pedras e lodo.

Ele começou a ficar desesperado, e na terceira vez só havia na rede pedras, conchas e lodo. Na quarta, porém, pegou um jarro de cobre com uma tampa de chumbo e um estranho selo. Ele o abriu e dele saiu uma fumaça que se transformou num gênio gigante. Este, então, disse ao pobre homem que deveria matar o pescador, pois ele era um espírito rebelde que foi preso naquele jarro por ter cometido desobediências e que havia prometido cobrir seu libertador de riquezas, se a salvação ocorresse durante os três primeiros séculos.

Porém, aquele era o quarto século, e o gênio tinha jurado que mataria seu libertador no quarto século, pois ele havia demorado muito para chegar. Mas o pescador conseguiu sair vivo e, melhor ainda, beneficiado. O gênio disse que ali perto havia um lago com peixes especiais e que o pescador deveria jogar a rede lá apenas uma vez por dia, pois nela entrariam quatro peixes. Também recomendou que o pescador deveria dar esses quatro peixes ao sultão, e este o recompensaria. O pescador cumpriu as recomendações, mas todos os dias os peixes caíam no fogo e queimavam até virar pó, não por distração do cozinheiro, mas por magia. Então, um dia o sultão resolveu ver o tal lago. Chegando lá, viu perto do lago um grande castelo. Entrou nele, mas esse parecia abandonado.

Depois de um tempo o sultão encontrou um homem que tinha os membros inferiores transformados em mármore. O sultão resolveu ajudar, depois de ouvir a história do pobre príncipe, pois ficara sabendo que o lago era, na verdade, o reino do príncipe e quem fez aquilo foi a esposa dele. Conseguiu vingar o príncipe matando a esposa e o mágico que o deixara daquele jeito. Tudo voltou ao normal e o pescador, claro, foi recompensado e não passou mais fome.

3. Ampliando o repertório

Gênero textual: Conto maravilhoso

Ali Babá e os 40 ladrões

Antoine Galland

Numa cidade da antiga Pérsia [atual Irã] viviam os irmãos Cássim e Ali Babá. Cássim era um dos comerciantes de tecidos mais ricos da cidade, mas Ali Babá vivia na pobreza e tinha de cortar lenha numa floresta para sustentar a família.

Um dia Ali Babá estava cortando lenha quando viu uma nuvem de poeira. “Que será isso?”, pensou. Percebeu que se tratava de homens a cavalo que se aproximavam e vinham em

sua direção. Com medo que fossem bandidos, subiu numa árvore, junto a um grande rochedo, e se escondeu em meio à folhagem.

Do alto da árvore podia ver tudo sem ser visto. Então chegaram àquele lugar quarenta homens muito fortes e bem armados de espadas, com caras de poucos amigos. Ali Babá os contou e concluiu que eram quarenta ladrões.

Os homens desapareceram dos cavalos e puseram no chão sacos pesados que continham ouro e prata. O mais forte dos ladrões, que parecia ser o chefe, aproximou-se da rocha e disse:

— Abre-te, Sésamo!

Assim que essas palavras foram pronunciadas, abriu-se uma porta na caverna. Todos passaram por ela e entraram na caverna, e a porta se fechou novamente. Depois de muito tempo, a passagem da caverna voltou a se abrir e por ela saíram os quarenta ladrões.

Quando todos estavam fora, o chefe disse:

— Fecha-te, Sésamo!

Os bandidos colocaram os sacos em suas montarias e voltaram pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo. Ali Babá os seguiu com os olhos até desaparecerem. Quando se viu em segurança e ninguém por perto, desceu da árvore, dirigiu-se à rocha e disse:

— Abre-te, Sésamo!

A porta se abriu e Ali Babá ficou sem palavras diante do que seus olhos viram: uma grande caverna cheia dos tecidos mais finos, tapetes da Pérsia belíssimos e uma enorme quantidade de moedas de ouro e prata dentro de sacos.

Ali Babá entrou com os três burros que costumava levar quando ia cortar lenha e a porta imediatamente se fechou atrás dele. O rapaz carregou os animais com sacos de moedas de ouro e joias; depois disso, pronunciou as palavras mágicas que abriam e fechavam a porta da caverna e foi em direção à cidade.

Quando viu o ouro, sua mulher pensou que o marido tinha se tornado um ladrão, mas ele contou tudo o que acontecera, recomendando-lhe que mantivesse segredo absoluto a respeito daquela história e não a contasse a ninguém. Quando Ali Babá falou em esconder as moedas num buraco, a mulher, então, disse:

— Boa ideia, mas antes quero contar quantas moedas de ouro temos. Vou pedir um medidor ao vizinho, enquanto você cava o buraco.

O vizinho era justamente Cássim, irmão de Ali Babá, que não estava em casa. Ela, então, pediu à mulher dele o medidor emprestado: uma espécie de concha grande, com a qual se calculavam as medidas de açúcar e outros mantimentos. Cheia de desconfiança, a cunhada pensou:

“Que coisa mais estranha! Para que querem um medidor? O que é que a mulher de Ali Babá está querendo contar naquela casa tão miserável?”

Para descobrir o que era, decidiu untar [melecar] com cola o medidor; talvez um pouco daquilo ficasse grudado sem que ninguém percebesse...

Enquanto Ali Babá cavava, sua mulher calculou as medidas de ouro e depois foi devolver o medidor à vizinha sem perceber que uma das moedas ficara presa e colada. A vizinha viu a moeda de ouro, ficou espantada, ardeu de inveja e quando o marido chegou em casa disse-lhe:

— Você pensa que é rico, Cássim, mas Ali Babá, seu irmão, é muito mais. Até calcula quantas medidas de ouro tem!

Cássim também foi tomado pela inveja e nem pôde dormir aquela noite.

No dia seguinte, foi até a casa do irmão disposto a esclarecer aquilo tudo. Lá, até ameaçou denunciar Ali Babá à polícia se ele não lhe contasse tudo. Ali Babá, então, acabou por contar o que lhe acontecera e depois pediu segredo ao irmão, prometendo-lhe em recompensa uma

parte do tesouro. Cássim concordou e se despediu do irmão. Mas, na manhã seguinte bem cedo, Cássim dirigiu-se à caverna sozinho com dez burros disposto a voltar carregado de ouro. Ao chegar à porta do rochedo, disse:

— Abre-te, Sésamo!

A porta se abriu, Cássim entrou e ela se fechou de novo atrás dele. Que surpresa e contentamento sentiu quando à sua frente pôde ver tesouros que ele nem em sonho poderia imaginar! Apoderou-se de tudo o que podia levar, carregando os burros, e ficou tão extasiado que, quando foi sair, disse:

— Abre-te, Cevada!

Mas a porta continuou fechada. Foi então que ele se deu conta de que esquecera qual era a palavra mágica para abrir a passagem. Apavorado, tentou outras frases, mas nada, não conseguia acertar! E ficou preso lá dentro da caverna. Por volta do meio-dia, os ladrões retornaram à rocha. Pronunciaram as palavras mágicas e entraram.

Ao verem Cássim, ficaram furiosos e imediatamente o mataram. Depois, interrogaram-se surpresos: como aquele homem conseguira entrar? Como descobrira o segredo? Para que ninguém ousasse sequer se aproximar da rocha novamente, cortaram o corpo de Cássim em quatro partes e o deixaram pendurado lá dentro. Depois, foram embora.

A esposa de Cássim ficou muito preocupada quando viu cair a noite sem que seu marido regressasse.

Foi à casa do cunhado e expressou seus temores. Ali Babá, suspeitando de que algo grave acontecera ao seu irmão, foi para a caverna. Quase desmaiou quando viu o corpo do irmão cortado em pedaços. Recolheu-os em dois sacos e voltou para a cidade com a intenção de sepultá-los.

Os quarenta ladrões ficaram espantados ao retornar à caverna e não avistaram o corpo de Cássim. O chefe disse ao bando:

— Estamos perdidos! Precisamos dar um jeito nisso ou perderemos todas as nossas riquezas. O corpo desaparecido mostra que duas pessoas conseguiram descobrir nosso segredo: liquidamos uma delas, agora precisamos acabar com a outra.

Um dos ladrões se dispôs a ir à cidade, encarregando-se da missão de descobrir quem era a pessoa que sabia do segredo. Se falhasse, seria morto por seus colegas bandidos, que, despedindo-se dele, elogiaram muito sua bravura.

Havia um sapateiro na cidade, muito trabalhador e querido, chamado Mustafá. Ali Babá o encarregara de costurar o corpo do irmão Cássim para enterrá-lo com decência. Por uma infeliz coincidência, foi justamente esse sapateiro que o ladrão primeiramente viu ao chegar à cidade de manhãzinha, pois a loja do sapateiro era a única aberta àquela hora. O ladrão o cumprimentou e disse:

— O senhor começa seu trabalho muito cedo! Na sua idade, não sei como consegue enxergar para costurar esses sapatos!

— Apesar de velho – respondeu o sapateiro – meus olhos são muito bons. Há poucos minutos costurei um morto num lugar que tinha menos luz que nesta minha loja – respondeu Mustafá.

Contente com aquela informação, o ladrão depositou duas moedas de ouro na mão do sapateiro, rogando-lhe que dissesse onde ficava a casa em que ele costurara o morto. Depois de olhar para aquelas moedas brilhantes, Mustafá acabou por concordar e levou o ladrão até a frente da casa de Cássim, que agora pertencia a Ali Babá. O ladrão pegou um pedaço de giz e fez uma cruz na porta. Depois, foi-se embora em direção à floresta.

A esposa de Cássim tinha uma empregada muito bonita e esperta chamada Morjana. A moça, ao sair da casa, notou o sinal e desconfiou de alguma trama:

— Que será isso? Que coisa mais estranha! Certamente querem prejudicar meu patrão!

Pegou, então, um pedaço de giz e marcou com o mesmo sinal três portas à direita e mais três à esquerda. Os ladrões foram até a cidade e pararam diante de uma das portas que tinham a marca de giz feita por Morjana. O ladrão que tinha estado ali no dia anterior disse:

— É esta!

O chefe dos ladrões, porém, notou que havia outras seis casas cujas portas traziam o mesmo sinal e perguntou-lhe qual era, de fato, a porta que ele tinha marcado. Confuso, o homem não soube o que responder. Voltaram todos para a floresta e o ladrão que falhara em sua missão foi morto pelos colegas.

Aquilo já era uma afronta! Um dos ladrões se dispôs espontaneamente a retornar à cidade e descobrir onde morava o homem que descobrira o segredo da caverna. Chegou, como o primeiro, ao raiar do dia e topou com Mustafá. A história se repetiu: o sapateiro acabou por conduzir o ladrão até a casa de Ali Babá. Para não se confundir como o primeiro, o ladrão marcou a casa com tinta vermelha e voltou para junto dos comparsas. Como da outra vez, Morjana notou o sinal e marcou várias outras portas das proximidades também com tinta vermelha.

Quando o bando rumou para a cidade, viu-se diante da mesma confusão da outra vez, e o segundo bandido encarregado daquela missão foi executado.

Os ladrões agora eram trinta e oito. Depois daquele segundo fracasso, o chefe resolveu ele mesmo se encarregar da missão. Foi pessoalmente à cidade, encontrou Mustafá e, diante da casa de Ali Babá, em vez de deixar algum sinal, limitou-se a observá-la cuidadosamente, examinando cada detalhe que a distinguiu das outras. Depois, voltou para a floresta e pôs em execução o seu plano.

Mandou comprar trinta e oito grandes tambores para guardar azeite. Encheu de azeite apenas um deles e, nos outros, fez com que entrassem os bandidos, fortemente armados. Em cada tambor, havia pequenos buracos para que os homens pudessem respirar.

Com os trinta e sete tambores que serviam de esconderijo aos ladrões e mais um barril cheio de azeite, carregaram-se dezenove mulas e lá se foi o chefe à cidade. Localizou facilmente a casa de Ali Babá, que estava na frente dela tomando sol. Disse-lhe:

— Venho de muito longe e vim à cidade para vender meu azeite. Mas cheguei cedo demais. A noite está caindo e eu preciso dar algum descanso para as minhas mulas. O senhor não poderia me abrigar em sua casa só por esta noite?

Ali Babá não reconheceu o chefe dos bandidos, que estava disfarçado, e aceitou amigavelmente recebê-lo em sua casa. Mandou que Morjana preparasse para o hóspede um jantar e uma cama. Os tambores foram descarregados das mulas e colocados no quintal da casa.

Após a refeição, Ali Babá foi dormir e o chefe dos ladrões conseguiu às escondidas encaminhar-se para onde estavam os tambores. Disse a cada um dos seus homens que neles se escondiam:

— À meia-noite, quando ouvirem minha voz, usem suas facas e punhais para abrir a tampa dos tambores e saiam.

Após instruir seus homens, foi ao quarto que Morjana lhe havia preparado e fingiu que dormia. A empregada foi cuidar do serviço de casa. Ela estava entretida com seus afazeres, quando, de repente, as luzes se apagaram. Mas não havia azeite na casa. Que fazer? O empregado Abdullah, vendo-a toda atrapalhada, disse:

— Por que essa tempestade em copo de água? Há tantos tambores cheios de azeite na garagem! Por que você não vai lá pegar a quantidade necessária?

Assim fez Morjana. Mas, ao se aproximar do primeiro barril, ouviu o bandido que estava escondido dentro dele perguntar, baixinho, pensando que era o chefe:

— Já está na hora?

Assustada, Morjana ficou um tempo sem saber o que responder. Percebeu que em vez de azeite aqueles tambores escondiam bandidos perigosos. Rapidamente, pensou num meio de enfrentar aquela situação delicada. Criou coragem e, imitando a voz do chefe dos bandidos, disse:

— Ainda não é hora. Tenha paciência.

Morjana foi de tambor em tambor, dando sempre a mesma resposta aos ladrões que lhe perguntavam se tinha chegado a hora. O último tambor continha azeite de verdade. Morjana encheu um jarro, acendeu uma lamparina e pôs em prática seu plano.

Numa grande panela ferveu azeite. Depois, indo de tambor em tambor, derramou o líquido fervente sobre cada bandido, matando-os todos.

À meia-noite, o chefe se levantou da cama, foi até o quintal e chamou seus homens. Não houve resposta. Sentindo cheiro de carne queimada, assustou-se. Abriu o primeiro tambor, depois o segundo... e os demais — e só encontrou cadáveres. Temendo pela sua própria vida, fugiu correndo.

De manhã, Ali Babá levantou-se e foi tomar banho, sem desconfiar do que se passara. Ao voltar para casa, estranhou que os tambores ainda estivessem no quintal. Morjana, então, mostrou-lhe o que eles na verdade traziam: bandidos, e contou o que acontecera. Ali Babá ficou muito agradecido e prometeu recompensar a empregada por ela lhe ter salvado a vida. Depois, junto com outro empregado, tratou de enterrar os bandidos mortos numa grande fossa no cemitério da cidade. Escondeu os tambores e as armas e vendeu as mulas no mercado.

O chefe dos ladrões voltou para a floresta, furioso e indignado, disposto a se vingar de qualquer maneira. Depois, arquitetou um plano. Com riquezas tiradas da gruta, comprou tecidos finíssimos e abriu uma loja na cidade, fazendo-se passar por comerciante chamado Codja Hussan. A loja ficava em frente ao estabelecimento que pertencera a Cássim e que agora era cuidado pelo filho de Ali Babá. O chefe dos bandidos, falso comerciante, pouco a pouco, acabou por fazer com que o rapaz o considerasse seu amigo. O bandido muitas vezes o convidava para jantar.

Um dia, o filho de Ali Babá decidiu retribuir a gentileza, convidando Codja Hussan para jantar. Ali Babá se encarregou de preparar um grande banquete para o amigo do filho. No dia combinado, o bandido, chamado para a mesa, desculpou-se dizendo que não comia comida com sal, pois assim lhe recomendara um médico. Ali Babá, então, mandou que Morjana não pusesse sal na carne que seria servida no banquete. A empregada ficou aborrecida e disse:

— Mas quem é esse homem que não come sal?

Intrigada, quando foi ajudar a levar os pratos à mesa, lançou um olhar muito atento para o convidado. De repente, estremeceu: era o chefe dos ladrões que desejava atacar seu patrão! Por isso, não queria comer sal junto com ele. E imediatamente pensou num plano para salvar seu patrão.

Chegada a hora das frutas, Morjana as levou junto com o vinho. O falso mercador pensava em seu plano: embriagar pai e filho e cravar um punhal no coração de Ali Babá.

Morjana vestiu-se de dançarina, colocou um punhal no cinto e cobriu o rosto com um véu. Chamou um músico para tocar violão e os dois entraram na sala do banquete, pedindo permissão para se apresentarem. Ali Babá respondeu:

— Capriche, Morjana, faça o melhor que puder para entreter nosso hóspede Codja Hussan!

O hóspede fingiu estar encantado com aquela proposta, que, na verdade, vinha atrapalhar seus planos. O músico pôs-se a tocar o violão e Morjana, a dançar com passos e movimentos delicados. Depois, a dançarina passou para um novo tipo de dança, a que mais agradou: tomou do punhal e com ele fingiu atacar um inimigo invisível. Por fim, parou e pegou o violão para pedir aos presentes um pagamento, como faziam os dançarinos profissionais.

Ali Babá deu-lhe uma moeda de ouro e o seu filho fez o mesmo. Quando chegou a vez de Codja Hussan, no momento em que ele pôs a mão na bolsa para pegar uma moeda, Morjana mais do que depressa cravou o punhal em seu coração, matando-o, pois era um monstro, não era uma pessoa de verdade. Ali Babá exclamou:

— O que você fez? Matou um hóspede, um amigo de meu filho. Isso será a minha ruína!

Morjana, então, contou ao patrão o que descobrira. Fez com que ele olhasse atentamente o rosto do falso mercador e reconhecesse o chefe dos ladrões. Mais uma vez, fora salvo pela empregada. Agradecido, disse:

— Você me salvou por duas vezes; agora eu lhe darei muito ouro. Mais: em recompensa por sua lealdade, você será minha nora.

Enterraram, então, o corpo do chefe dos bandidos e, dias depois, festejou-se o casamento do filho de Ali Babá com Morjana, em meio a cantos, danças e muitas outras diversões.

Ali Babá demorou um ano para retornar à gruta, pois ainda não sabia que todos os quarenta ladrões estavam mortos. Depois de um ano, mais tranquilo, voltou para lá. Diante da caverna, disse:

— Abre-te, Sésamo!

E a porta se abriu. Ali Babá notou que ninguém mais entrara na caverna. Os ladrões, portanto, estavam todos mortos. Agora só ele sabia do segredo. Encheu alguns sacos com moedas de ouro e prata e voltou para a cidade.

Com o passar do tempo, Ali Babá contou o segredo a seu filho e depois a seus netos. Ali Babá e sua família viveram o resto da vida na riqueza, naquela cidade onde um dia ele fora muito pobre.

Graças àquele tesouro, Ali Babá se tornou um homem respeitado e honrado.

Gênero textual: Conto maravilhoso

Simbad, o Marujo



Era uma vez um rapaz chamado Simbad. Ele gostava de aventuras e resolveu ir para a Índia.

Depois de navegar pelos mares, Simbad desembarcou numa pequena ilha. E eis que a ilha se moveu! Então perceberam que a ilha era uma grade baleia e jogaram-se ao mar.

Simbad nadou muito para se salvar, até que chegou a uma praia deserta. Então, viu um ovo de uma enorme ave marinha e teve a ideia de amarrar-se às patas da ave quando ela viesse chocá-lo.

A ave apareceu, chocou o ovo e depois voou. Simbad, num instante, viu-se num vale cheio de diamantes e conseguiu até pegar alguns. Depois, a ave voou para o litoral e ele se soltou.

Quando pousou perto de algumas casas. Os pescadores então arranjaram outro barco para outras aventuras de Simbad.

Mas veio uma tempestade e o capitão decidiu aportar no outro lado da ilha. Enquanto descansavam na antiga casa de piratas, um gigante ia devorar a todos, mas Simbad usou um tronco de madeira e jogou-o direto no olho do gigante, que ficou cego. O gigante fugiu tateando as árvores.

Simbad e os marinheiros seguiram o gigante até a casa dele.

Lá, encontraram muitos tesouros deixados pelos piratas. Com o tesouro, Simbad voltou para sua casa e viveu feliz durante muitos anos.

Gênero textual: Conto maravilhoso

Aladim e a lâmpada maravilhosa



Aladim era filho de um pobre alfaiate que vivia numa cidade da China. Quando o pai morreu, ele era ainda muito jovem e sua mãe teve que trabalhar de doméstica e costurar dia e noite para sustentá-lo. Um dia, quando tinha mais ou menos quinze anos e estava brincando na rua com alguns companheiros, um homem estranho que passava parou para olhá-lo. Era um mágico africano que necessitava da ajuda de um jovem. Percebeu logo que Aladim era exatamente quem ele procurava. Primeiro, o mágico indagou das pessoas que estavam ali quem era o menino. Depois, dirigiu-se a ele e perguntou:

— Meu garoto, você não é filho de Shang Ling, o alfaiate?

— Sim, senhor, mas meu pai morreu há muito tempo – respondeu o menino.

Ao ouvir essas palavras, o mágico, com os olhos cheios de lágrimas, abraçou Aladim e disse:

— Você é meu sobrinho, pois seu pai era meu irmão. Eu o conheci à primeira vista, porque você é muito parecido com ele.

O homem deu duas moedas de ouro a Aladim, dizendo:

— Vá para casa e diga à sua mãe para preparar o jantar; esta noite irei jantar com vocês.

Encantado com o dinheiro e com aquele tio, Aladim correu para casa.

— Mamãe, eu tenho algum tio? – perguntou ele.

— Que eu saiba, não, meu filho. Seu pai não tinha irmãos e eu também não os tenho – respondeu a mãe.

— Acabei de encontrar um senhor que me disse ser irmão de papai. Deu-me este dinheiro e mandou dizer-lhe que jantaria aqui hoje.

A mãe de Aladim ficou muito admirada e encucada, pegou as moedas e saiu para fazer compras e passou o dia preparando o jantar. Exatamente quando tudo estava pronto, o mágico bateu à porta. Entrou trazendo embrulhos de frutas e doces e perfumes para presentear a mulher. Cumprimentou a mãe de Aladim e, com lágrimas nos olhos, pediu-lhe que indicasse o lugar onde o irmão costumava sentar-se. Durante o jantar, pôs-se a narrar e descrever suas viagens.

— Minha boa cunhada – começou ele. – Não me admiro de que você nunca me tivesse visto. Estive quarenta anos fora deste país. Viajei por muitos lugares. Estou realmente triste por saber da morte de meu irmão, mas é um conforto saber que ele deixou um filho tão encantador! – Virando-se para Aladim, perguntou-lhe: – Que faz você, meu garoto? Trabalha no comércio?

Aladim abaixou a cabeça, envergonhado, sem ter o que dizer, pois passava o dia todo batendo pernas na rua e não ia à escola. Sua mãe, então, explicou:

— Infelizmente ele nada faz. Passa os dias desperdiçando o tempo a brincar na rua. Estudar que é bom, nem pensar.

— Isso não é bom, meu sobrinho – disse o mágico. – É preciso pensar num meio de ganhar a vida e pensar no seu futuro. Se seu pai já faleceu, imagine se sua mãe também morre... Como ficaria sua situação? Eu gostaria de ajudá-lo. Se você quiser, montarei uma loja para você. Aladim ficou muito contente com a ideia. Disse ao mágico que não havia nada que o encantasse mais do que ter uma loja, e uma loja de brinquedos e jogos.

— Bem – resolveu o homem -, amanhã sairemos e lhe comprarei roupas elegantes. Depois, então, pensaremos na loja.

No dia seguinte, ele voltou, como havia prometido, e levou Aladim a uma loja que vendia roupas lindas.

O menino escolheu as que mais lhe agradaram. Depois deram um passeio pela cidade. À noite, foram a uma festa. Quando a mãe de Aladim o viu voltar tão elegante e o ouviu contar tudo o que haviam feito, ficou muito contente.

— Bondoso cunhado – disse ao mágico –, não sei como lhe agradecer por tanta bondade.

— Aladim é um bom menino – disse ele –, e bem merece que se faça tudo por ele. Algum dia nos orgulharemos dele. Amanhã virei buscá-lo para dar um passeio no campo. Depois de amanhã, então, montaremos a loja de brinquedos.

No dia seguinte Aladim levantou-se muito cedo, lavou o rosto, tomou o café da manhã, escovou os dentes, despediu-se da mãe com um beijo e foi ao encontro do tio. Andaram muito, muito mesmo, até chegarem à África. Chegaram a uma fonte de água clara. O mágico abriu um embrulho de frutas e bolos. Quando acabaram de comer, continuaram a andar um pouco mais. até que chegaram a um vale estreito, cercado de montanhas. Era esse o lugar que o homem esperava encontrar. Ali havia levado Aladim por um motivo secreto.

— Não iremos adiante – comunicou ao rapaz. – Mostrarei a você algumas coisas jamais vistas por alguém. Enquanto risco um fósforo, cate todos os gravetos que encontrar para acender o fogo.

Aladim num instante juntou uma pilha de gravetos secos, nos quais o mágico ateou fogo.

Quando as chamas cresceram, atirou-lhes um pouco de incenso e pronunciou umas palavras mágicas, que Aladim não entendeu bem. Imediatamente a terra se abriu a seus pés e apareceu uma grande pedra, em cuja parte superior havia uma argola de ferro. Aladim estava tão assustado que teria fugido se o mágico não o tivesse detido.

— Se você me obedecer, não se arrependerá. Debaxo desta pedra está escondido um tesouro que o fará mais rico do que todos os reis do mundo. Você deverá, entretanto, fazer exatamente o que eu digo para consegui-lo.

O medo de Aladim desapareceu e ele disse ao tio:

— Que tenho que fazer? Estou pronto para obedecer.

— Segure a argola e levante a pedra – disse o homem.

Aladim fez o que o mágico ordenou. Suspendeu a pedra e deixou-a de lado. Debaxo da pedra, apareceu uma escada subterrânea que conduzia a uma porta.

— Desça estes degraus e abra aquela porta – disse o mágico. – Você entrará num palácio onde há três enormes salões. Em cada um deles verá quatro vasos cheios de ouro e diamantes. Não mexa em nenhum deles. Passe através dos três salões sem parar. Tenha cuidado para não encostar nas paredes. Se o fizer, morrerá instantaneamente. No fim do terceiro salão, há uma porta que dá para um pomar, onde as árvores estão carregadas de lindas frutas. Atravessando o pomar, você chegará a um muro no qual encontrará um nicho. Nesse nicho, há uma lâmpada acesa. Pegue a lâmpada, jogue fora o pavio e o azeite e traga-a o mais depressa que puder.

Dizendo essas palavras, o mágico tirou do dedo um anel que ofereceu a Aladim, explicando:

— Se você me obedecer, isto o protegerá contra todos os males. Vá, meu sobrinho. Faça tudo o que eu disse e ambos seremos felizes para o resto da vida.

Aladim desceu os degraus e abriu a porta. Encontrou três salões. Atravessou-os cuidadosamente e chegou ao pomar. Foi até o muro, pegou a lâmpada do nicho, jogou fora o pavio e o azeite, conforme o mágico havia recomendado. Finalmente, amarrou a lâmpada ao cinturão. Já estava decidido a voltar, mas, olhando para as árvores, ficou encantado com as frutas. Eram de cores diferentes: brancas, vermelhas, verdes, azuis, roxas, todas cintilantes. Na verdade, não eram frutas, mas pedras preciosas: pérolas, diamantes, rubis, esmeraldas, safiras e ametistas. Aladim, não sabendo seu valor, pensou que eram simples pedaços de vidro. Ficou, entretanto, encantado com as cores e apanhou algumas de cada cor. Encheu os bolsos e também a bolsa de couro que trazia presa ao cinturão. Assim carregado de tesouros, correu pelos salões e logo chegou à boca da caverna.

Viu o tio que o esperava no alto da escada e pediu-lhe:

— Dê-me a mão, meu tio, e ajude-me a sair daqui.

— Primeiro, entregue-me a lâmpada – exigiu o mágico.

— Na verdade, não posso fazê-lo agora, pois trago outras coisas que me dificultam a subida, mas, assim que estiver aí em cima, vou entregá-la – explicou Aladim.

O mágico, que estava aflito para possuir a lâmpada, irritou-se com o atrevimento do garoto e atirou um pouco de incenso ao fogo, pronunciando algumas palavras mágicas. Imediatamente a pedra voltou ao seu lugar, tapando a saída da estranha caverna.

Quando Aladim se viu na escuridão, chamou o mágico e implorou-lhe que o tirasse dali. Prometeu-lhe mil vezes que lhe daria a lâmpada. Seus rogos, entretanto, foram em vão. Desesperado, tentou alcançar novamente a porta que conduzia aos salões, para ver se conseguia chegar ao pomar. A porta, porém, estava fechada. Durante três dias, Aladim permaneceu na escuridão, sem comer, nem beber. Por fim, juntou as mãos para orar a Deus

e, ao fazê-lo, esfregou o anel que o mágico tinha posto em seu dedo. No mesmo instante um gênio enorme e assustador surgiu da terra dizendo:

— Que deseja? Sou o escravo do anel e cumprirei suas ordens.

Aladim replicou:

— Tire-me daqui.

Logo a terra se abriu e ele se encontrou lá fora. Atordoado, foi andando para casa e, ao chegar, caiu desfalecido junto da porta. Quando voltou a si, contou à mãe o que lhe havia acontecido.

Entregou-lhe a lâmpada e as frutas que tinha trazido. Pediu-lhe, depois, alguma coisa para comer, ao que ela respondeu:

— Meu filho, nada tenho em casa, mas costurei algumas roupas e irei vendê-las, então poderei comprar algo.

— Em vez das roupas, mamãe, venda a lâmpada – propôs o menino.

Ela apanhou a lâmpada e começou a esfregá-la para limpá-la, porque estava muito suja de terra. Nesse momento, surgiu um gênio, que gritou bem forte:

— Sou o gênio da lâmpada e obedecerei à pessoa que a estiver segurando.

A senhora estava assustada demais para poder falar, mas o menino agarrou-a ousadamente e disse:

— Arranje-me alguma coisa para comer.

O gênio desapareceu e, minutos depois, voltou equilibrando na cabeça uma bandeja de prata na qual havia doze pratos, também de prata, cheios das melhores comidas. Havia ainda dois pratos e dois copos vazios. Colocou a bandeja na mesa e desapareceu outra vez. Aladim e sua mãe sentaram-se e comeram com grande prazer. Nunca haviam provado comida tão gostosa. Depois de comerem tudo, venderam os pratos, conseguindo, assim, dinheiro que deu para viverem por algum tempo com bastante conforto.

Um dia, quando passeava pela cidade, Aladim ouviu uma ordem do sultão mandando que fechassem as lojas e saíssem todos das ruas, pois sua filha, a princesa, ia ao banho de mar e não podia ser vista por ninguém. O rapaz escondeu-se atrás de uma porta, de onde podia ver a princesa quando passasse. Não decorreu muito tempo e ela passou, acompanhada de uma porção de empregadas. Quando passou perto da porta onde Aladim estava escondido, tirou o véu que lhe cobria a cabeça e Aladim pôde ver-lhe o rosto. A moça era tão bonita que Aladim ficou enamorado e desejou casar-se com ela. Chegando a casa, contou à mãe seu amor pela princesa. A senhora riu-se e respondeu:

— Meu filho, você deve estar louco para pensar numa coisa dessas!

— Não estou louco, mamãe, e pretendo pedir a mão da princesa ao sultão. Você deve procurá-lo para fazer o pedido – disse ele.

— Eu? Dirigir-me ao sultão? Você sabe muito bem que ninguém pode falar-lhe sem levar um rico presente – disse a mãe.

— Bem, vou contar-lhe um segredo. Aquelas frutas que trouxe da caverna não são simples pedaços de vidro. São joias de grande valor. Tenho olhado pedras preciosas nas joalherias e nenhuma é tão grande, nem têm o brilho das minhas. A oferta delas está certa, comprará o favor do sultão.

Aladim tirou as pedras do armário e as trouxe para a mãe, colocando-as num prato de porcelana. A beleza delas assombrou a mãe, que ficou certa de que o presente não poderia deixar de agradar ao sultão. Ela cobriu o prato e as joias com um bonito pano de linho e saiu para o palácio. A multidão daqueles que tinham negócios na corte era grande. As portas

estavam abertas e ela foi entrando. Colocou-se em frente ao sultão. Ele, entretanto, não tomou conhecimento de sua presença. Nem ligou para ela.

Durante uma semana, ela foi lá diariamente, ocupando sempre o mesmo lugar. Afinal, ele a viu e perguntou-lhe o que desejava. Tremendo, a boa mulher falou-lhe sobre a pretensão do filho. O sultão ouviu-a amavelmente e perguntou-lhe o que trazia na mão. Ela tirou o pano de cima do prato e mostrou-lhe as joias cintilantes.

Que surpresa ele teve ao ver tais maravilhas! Durante um bom tempo, contemplou-as sem dizer nada. Depois exclamou:

— Que riqueza! Que encanto!

Ele já havia determinado que a filha se casaria com um de seus oficiais. No entanto, disse à mãe de Aladim:

— Diga a seu filho que ele desposará a princesa se me enviar quarenta vasos cheios de joias como estas. Eles deverão ser-me entregues por quarenta escravos negros, cada um dos quais será precedido de um escravo branco, todos ricamente vestidos.

A mãe de Aladim curvou-se até o chão e voltou para casa pensando que tudo estivesse perdido. Deu o recado ao filho, esperando que, com isso, ele desistisse. Aladim sorriu e, quando a mãe se afastou, apanhou a lâmpada e esfregou-a. O gênio apareceu no mesmo instante e ele lhe pediu que arranjasse tudo o que o sultão havia pedido. O gênio desapareceu e voltou trazendo quarenta escravos negros, cada um deles carregando na cabeça um vaso cheio de pérolas, rubis, diamantes, esmeraldas, safiras e ametistas. Os quarenta escravos negros e outros tantos brancos encheram a casa e o jardim. Aladim ordenou-lhes que se dirigissem ao palácio, dois a dois, e pediu à mãe que entregasse o presente ao sultão. Os escravos estavam tão ricamente vestidos que todos nas ruas paravam para vê-los. Entraram no palácio e ajoelharam-se em frente ao sultão, formando um semicírculo. Os escravos negros colocaram os vasos sobre o tapete.

O espanto do sultão, à vista daquelas riquezas, foi indescritível. Depois de muito contemplá-las, levantou-se e disse à mãe de Aladim:

— Diga a seu filho que o espero de braços abertos.

A senhora, feliz com a notícia, não perdeu tempo. Saiu correndo e deu o recado ao filho. Aladim, entretanto, não teve pressa. Primeiro, chamou o gênio e pediu-lhe:

— Desejo um banho perfumado, uma roupa luxuosa, um cavalo tão bonito quanto o do sultão, vinte escravos e, além disso, vinte mil moedas de ouro distribuídas em vinte bolsas.

Tudo isso apareceu imediatamente à sua frente. Aladim, elegantemente vestido e montado num lindo cavalo, passou pelas ruas, causando admiração a todos. Os escravos marchavam a seu lado, cada um carregando uma bolsa cheia de moedas de ouro, para distribuir pelo povo. Quando o sultão viu aquele belo rapaz, saiu do trono para recebê-lo. À noite ofereceu-lhe uma grande festa. Ele desejava que Aladim se casasse logo com a filha, mas este lhe disse:

— Primeiro, construirei um palácio para ela.

Assim que regressou à casa, chamou o gênio e disse:

— Dê-me um palácio do mais fino mármore, incrustado de pedras preciosas. Nele quero encontrar estábulos, cocheiras, lacaios, escravos. A mais fina decoração, com os móveis mais luxuosos do mundo.

O casamento de Aladim com a princesa realizou-se no meio de grande regozijo. O rapaz já havia conquistado o coração do povo, por sua generosidade. Durante muito tempo eles foram imensamente felizes.

Nessa ocasião, o mágico, que estava na África, descobriu que Aladim era muito rico e querido por todos. Cheio de raiva, embarcou para a China. Lá chegando, ouviu alguém falar do palácio maravilhoso que tinha sido levantado pelo gênio da lâmpada. Resolveu, então, obter a lâmpada, custasse o que custasse. Os mercadores contaram-lhe que Aladim tinha ido caçar e que estaria ausente por alguns dias. Ele comprou uma dúzia de lâmpadas de cobre, iguais à lâmpada maravilhosa, e foi ao palácio gritando:

— Trocam-se lâmpadas novas por lâmpadas velhas!

Quando chegou à janela da princesa, os escravos chamaram-no, dizendo:

— Venha cá. Temos uma lâmpada feia e velha que queremos trocar.

Era a lâmpada maravilhosa que Aladim havia deixado em cima de um móvel. A princesa não sabia seu valor; por isso, pediu a um escravo que a trocasse por uma nova. O mágico, muito contente, deu-lhe a melhor lâmpada que tinha e saiu correndo para a floresta. Quando anoiteceu, chamou o gênio da lâmpada e ordenou que o palácio, a princesa e ele próprio fossem carregados para a África.

O pesar do sultão foi terrível quando descobriu que a filha e o palácio tinham desaparecido. Enviou soldados à procura de Aladim, que foi trazido à sua presença.

— Pouparei sua vida por quarenta dias e quarenta noites – disse o sultão. Se durante este tempo minha filha não aparecer, mandarei cortar sua cabeça.

Aladim vagou por toda a cidade, perguntando às pessoas que encontrava o que havia acontecido ao seu palácio. Ninguém sabia dar-lhe informação. Depois de muito andar, parou num riacho para matar a sede. Abaixou-se e juntou as mãos para apanhar um pouco de água. Ao fazê-lo, esfregou o anel mágico que trazia no dedo. O gênio do anel apareceu e perguntou-lhe o que queria.

— Ó gênio poderoso, devolve-me minha esposa e meu palácio! – implorou ele.

— Isso não está em meu poder – disse o gênio. – Peça-o ao gênio da lâmpada. Sou apenas o gênio do anel.

— Então – pediu Aladim –, leva-me até onde estiver o palácio.

Imediatamente, o rapaz sentiu-se carregado pelos ares. Finalmente chegou a um país estranho, onde logo avistou o palácio. A princesa estava chorando em seu quarto. Quando viu Aladim, ficou muito contente. Correu ao seu encontro e contou-lhe tudo o que havia acontecido. Aladim, ao ouvir falar na troca das lâmpadas, percebeu logo que o mágico era o causador de toda aquela aflição.

— Diga-me uma coisa – perguntou à esposa –, onde está a lâmpada velha agora?

— O velho carrega-a no cinturão e não se separa dela noite e dia.

Depois de muito conversarem, fizeram um plano para conseguir a lâmpada de volta.

Aladim foi à cidade e comprou um pó que fazia a pessoa dormir instantaneamente. A princesa convidou o mágico para jantar em sua companhia. Enquanto comiam os primeiros pratos, ela pediu a um criado que lhe trouxesse dois copos de vinho que ela havia preparado. O mágico, encantado com tanta gentileza, bebeu o vinho no qual ela havia derramado certa quantidade do pó. Suas ideias foram ficando meio confusas e ele pegou no sono. Boa noite, Cinderelo.

Aladim, que estava escondido atrás de uma cortina, veio depressa e apanhou a lâmpada do cinturão do velho mágico. Depois mandou que os empregados o carregassem para fora do palácio e o deixassem bem longe dali. A seguir, esfregou a lâmpada e, quando o gênio apareceu, pediu-lhe que levasse o palácio de volta para a China. Algumas horas mais tarde, o sultão, olhando pela janela, viu o palácio de Aladim brilhando ao sol. Mandou, então, dar uma festa, que durou uma semana.

O mágico, quando acordou no dia seguinte e se viu no meio da rua sem a lâmpada, ficou desesperado. Levantou-se e foi andando, tão distraído, que não viu uma carruagem que se aproximava. O resultado é que foi atropelado pelos cavalos e, com medo, fugiu para bem longe e nunca mais voltou. Aladim e a esposa viveram felizes pelo resto da vida. Quando o sultão morreu, Aladim subiu ao trono e reinou por muitos anos, sendo sempre um rei querido do povo.

4. Ampliando o repertório: Envelope de linguagem

Gênero textual: Cordel

A serpente do rio São Francisco

Rosilene Almeida da Silva

Quando eu era bem pequena
Escutava o povo falar
Que no Rio São Francisco
Uma serpente viera morar
E com três fios de cabelo
Presa iria ficar.

Mas com o passar do tempo
A serpente arrancou
Um dos fios de cabelo
E sua força mostrou
Pois queria fugir do rio
E saber quem lá a colocou.

Como se ainda não bastasse
A Serpente outro fio rompeu
E agora falava pouco
Para ir ao seu apogeu
A danada continua tentando
Pois sabia o quanto sofreu.

Se ela saísse do fundo do rio
Alguém veio me falar
Que ela ia acabar com tudo
A todos ia devorar
E na nossa pequena cidade
Ninguém mais iria escapar

Deus permita que o terceiro fio
Possa sempre existir
Que esse fio de cabelo
Continue a agir
E que nós curaçenses
Continuemos a sorrir

Gênero textual: Lenda folclórica

Negro d'água



Conta a lenda que o Negro d'água, ou Nego d'água, vive em diversos rios. Manifestando-se com suas gargalhadas, preto, careca e mãos e pés de pato, o Negro d'Água derruba a canoa dos pescadores, se eles se negarem de dar um peixe. Em alguns locais do Brasil, ainda existem pescadores que, ao sair para pescar, levam uma garrafa de cachaça e a jogam para dentro do rio, para que não tenham sua embarcação virada. Essa é a história bastante comum entre pessoas ribeirinhas, principalmente na região Centro-Oeste do Brasil, muito difundida entre os pescadores, dos quais muitos dizem já o ter visto. Segundo a lenda do Negro d'Água, ele costuma aparecer para pescadores e outras pessoas que estão em algum rio. Não há evidências de como nasceu essa lenda, o que se sabe é que o Negro d'Água só habita os rios e raramente sai dele, seu objetivo seria amedrontar as pessoas que por ali passam, como partindo anzóis de pesca, estragando redes, dando sustos em pessoas que estão em barco etc. Suas características são muito peculiares, ele seria a fusão de homem negro alto e forte com um anfíbio. Apresenta nadadeiras como de um anfíbio, corpo coberto de escamas mistas com pele.



O sinistro papa-figo, também conhecido como o famoso “homem do saco”, não tem poderes misteriosos ou místicos, muito menos habilidades sobrenaturais, mas possui o atributo mais perigoso que pode existir: a mente humana.

Originalmente, o papa-figo possui uma aparência comum, ainda que bastante feia. É descrito como um homem bastante velho e de jeito esquisito. É comum vê-lo sempre carregando um grande saco pendurado nas costas.

Devido ao seu jeito esquisito, costuma chamar a atenção das pessoas; por isso, o velho papa-figo prefere agir por meio de seus ajudantes para atrair suas inocentes vítimas, em geral crianças de idades abaixo dos 15 anos. Mas há relatos de jovens de 16 e 17 anos que tiveram seu sumiço associado ao papa-figo.

O papa-figo é um homem de bastante posses, e através de promessas de pagamentos em dinheiro acaba atraindo seguidores. Homens gananciosos e criminosos, que utilizam de todos os artifícios para atrair crianças, sequestrá-las e levá-las para o velho. O nome papa-figo advém do que o cruel homem faz com suas vítimas: papa-figo é abreviatura de papa fígado (ou come fígado). Devido a uma grave doença (alguns dizem se tratar de lepra), o papa-figo acredita que, devorando o fígado de crianças, a sua condição é atenuada. Dizem que as dores somente dão alívio ao homem após ele devorar os órgãos das crianças (principalmente o fígado). Era comum que a polícia achasse as vítimas mortas com um punhado de dinheiro junto do corpo, para cobrir as despesas do velório, mas, com o passar do tempo, o papa-figo acabou pegando o gosto pelo sofrimento das crianças, assim como o seu sabor. Até mesmo os ajudantes do papa-figo possuem muito medo da sua figura.

Os ajudantes que geralmente sequestram as crianças costumam conquistar a confiança delas através de doces, brinquedos, presentes e dinheiro. Portanto, quando nossa mãe nos dizia que não deveríamos falar com pessoas estranhas, ela estava absolutamente certa.